



Revista Letras

Nº 104 - Jul./Dez. 2021

<http://revistas.ufpr.br/letras>

Editora: Maria Cristina Figueiredo Silva

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Organizadores do número temático

Dossiê I Workshop de Filosofia e Historiografia da Linguística:

Gissele Chapanski e Márcio Renato Guimarães

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lúcia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-RIO), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-RIO), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

Lista dos pareceristas ad hoc

Alessandro Beccari, Ana Lucia Muller, Carlos Alberto Faraco, Cristina Altman, Gissele Chapanski, José Borges Neto, Márcio Renato Guimarães, Olga Ferreira Coelho, Roberta Pires de Oliveira.

Dossiê I WFHL: SUMÁRIO

- 7 “LINGUÍSTICA, FILOSOFIA, E SUAS HISTORIOGRAFIAS”
Cristina Altman
- 32 “JAMES HARRIS E O *HERMES*”
José Borges Neto
- 50 “O INVENTÁRIO POLIGLOTA COMO INSTRUMENTO
EPISTEMOLÓGICO DA FORMAÇÃO METODOLÓGICO-CONCEITUAL
DA LINGUÍSTICA COMPARATIVA DO SÉCULO XIX”
Gissele Chapanski
- 69 “OS ESPÓLIOS DE JAFÉ: A HISTORIOGRAFIA DOS ANTECEDENTES
DAS TEORIAS DAS ORIGENS INDO-EUROPEIAS”
Márcio Renato Guimarães
- 91 “O ENCONTRO COM A GRAMÁTICA DO SÂNSCRITO E SUAS ROTAS
DE ENTRADA NA LINGUÍSTICA OCIDENTAL”
Francivaldo Lourenço da Silva
- 111 “ENTRE OS PRIMEIROS COMPARATIVISTAS E OS JOVENS
GRAMÁTICOS: PARADIGMAS OU PROGRAMAS DE PESQUISA?”
Everton Mitherhofer Bernardes
- 125 “JOSÉ VAN DEN BESSELAAR (1916-1991) E SEU *PROPYLAEUM*
LATINUM”
Alessandro Beccari
- 145 “NOTAS SOBRE A HISTÓRIA RECENTE DA FONÉTICA NO BRASIL”
Olga Ferreira Coelho
Karina Gonçalves S. Oliveira
Felipe Prais Almeida
- 164 “HISTÓRIA DOS NOMINAIS NUS”
Roberta Pires de Oliveira
- 186 “HISTORIOGRAFIA DA NOÇÃO DE COMPLEXIDADE LINGUÍSTICA EM
TRÊS MOMENTOS DA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA”
Ednei da Silva Leal

No primeiro semestre de 2020, apresentamos a proposta de inscrição de um grupo de trabalho para o XIV Seminário do CELSUL, que estava previsto para acontecer em Cascavel, no segundo semestre do mesmo ano. O GT pretendia acolher trabalhos interessados na reflexão sobre a história da disciplina científica da linguística no século XIX, no período que antecede a formação dessa disciplina a partir dos estudos filológicos dos séculos anteriores, bem como no impacto do método histórico-comparativo em pesquisadores do século XX. Colhidos, como todo o resto do planeta, nos desafios de como organizar um congresso num contexto de pandemia, a comissão organizadora do XIV CELLIP resolveu não realizar o evento. A essa altura, já tínhamos reunido um bom número de submissões de trabalho para o GT. Dispostos a não perder a oportunidade para uma interlocução com pesquisadores de diferentes instituições com interesses similares, resolvemos (Alessandro Beccari, Everton Bernardes, Gissele Chapanski e Márcio Guimarães) nos propor o desafio de organizar um evento de maneira remota que reunisse pesquisadores trabalhando nessas duas perspectivas – da filosofia da linguística e da historiografia linguística.

Devido à nossa total inexperiência com a organização de eventos remotos, entendemos que seria melhor organizar um evento pequeno. Convidamos os professores José Borges Neto, Carlos Alberto Faraco, Cristina Altman e Olga Coelho para palestras de abertura em cada um dos dois dias do evento e convidamos alguns colegas de nosso conhecimento para submissão de resumos. No total, tivemos a submissão de 13 trabalhos de colegas de diferentes instituições e o evento foi realizado em 12 e 13 de novembro de 2020. Dessas 17 apresentações, dez resultaram em artigos que compõem o presente dossiê.

O Workshop em Filosofia e Historiografia da Linguística foi proposto como terreno comum para interlocução no interior de diferentes filiações teóricas no interior do que Altman (ver texto na presente antologia) chama de *metadisciplinas* dos estudos da linguagem, sem limite com relação a um período histórico da(s) disciplina(s) de estudo da linguagem. O interesse do grupo inicial no primeiro século da ciência da linguística e nos períodos anteriores dos estudos linguísticos aparecem nos trabalhos de Borges Neto, Bernardes, Chapanski, Guimarães e Lourenço. A linguística do século XX (e XXI) aparece nos demais trabalhos. A orientação teórica da historiografia linguística aparece nos trabalhos de Beccari, Coelho e Lourenço. Nos demais trabalhos, percebe-se uma orientação pela filosofia da linguística, com um foco maior na base epistemológica do processo de construção do conhecimento sobre a linguagem.

Na organização dos textos no dossiê, tentamos manter uma ordem cronológica dos períodos estudados. O artigo de Cristina Altman foi escolhido para abrir a coletânea de textos do dossiê por representar uma reflexão metateórica sobre a integração da HL com outras metadisciplinas. Assumindo um ponto de vista a partir da historiografia linguística, Altman apresenta os principais pressupostos da historiografia linguística, demonstrando como a historiografia linguística se beneficiou dos *insights* provocados pela história e filosofia da ciência. Partindo da distinção, feita por Richard Rorty, entre reconstruções históricas e reconstruções prospectivas ou “racionais”, situa a historiografia linguística no âmbito da primeira e a filosofia da linguística no âmbito da segunda, e assume a prioridade da reconstrução histórica sobre a reconstrução “prospectiva” como condição para que esta permaneça honesta.

O texto de José Borges Neto abre a sequência cronológica dos assuntos, abordando o *Hermes*, obra do gramático setecentista James Harris (1709-1780) e destacando sua singularidade no contexto do pensamento gramatical de sua época: apesar de ser essencialmente um racionalista, Harris ignora insistentemente o pensamento gramatical racionalista do século XVI em diante, se voltando para fontes clássicas antigas e renascentistas (como Scalliger e Sanctius). Em contraste com a concepção de gramática geral, originada na obra de Arnaud e Lancelot, em que a gramática se ocupa de estabelecer os princípios funcionais comuns às diversas línguas existentes, formas unificadoras que se sobrepõem às formas peculiares das línguas particulares, a gramática universal de Harris é um *a priori* verdadeiro que dá existência por meio de uma correspondência transcendental, às formas específicas das línguas. A gramática universal seria um elo de ligação entre uma entidade metafísica, uma linguagem divina, e as línguas concretas no mundo físico. Essa ligação está na raiz da denominação *Hermes* para o tratado, já que era ele a divindade encarregada da ligação entre o mundo humano e o divino, para os antigos gregos.

Os três textos seguintes abordam aspectos relacionados com o que se pode entender como a formação da disciplina institucionalizada da ciência da linguagem, no século XIX. O texto de Gissele Chapanski aborda o papel dos inventários de línguas do século XVI ao XIX – especialmente o último dessa série histórica, o *Mithridates* de Johann Christoph Adelung e Severin Vater – na grande guinada epistemológica em direção ao dado que prepara terreno para a linguística histórico-comparativa do século XIX. A autora busca as fontes do enciclopedismo dos patenostristas do século XVI ao XIX, contrastando a obra de Adelung-Vater com os seus precursores e demonstrando que eles já inauguram a perspectiva de considerar o dado linguístico como meio de análise e compreensão já do fenômeno da origem e filiação das línguas, não da capacidade de linguagem.

O texto seguinte, de Márcio Guimarães, aborda outra das fontes da problemática da origem e história das línguas, central para a linguística histórico-comparativa do século XIX, que são as narrativas sobre a origem das línguas na tradição do que Daniel Droixhe chama de *Histoire de Babel*, uma perspectiva de explicação dessa origem de acordo com a narrativa bíblica e uma maneira de pensar que harmoniza (e subordina) os dados observacionais e as narrativas pagãs com uma perspectiva teológica da natureza e história do mundo – o que o autor (*d’après* Grafton e Williams) vai denominar de *sincronização*. Guimarães busca tanto as origens dessa perspectiva teórico-metodológica da sincronização no pensamento dos primeiros autores cristãos (Orígenes e Eusébio de Cesaréia) e rastreia as diferentes (re)configurações da história de Babel, de Isidoro de Sevilha a Dante e aos filólogos da República das Letras.

O texto de Francivaldo Lourenço discorre sobre o que se pode chamar de “gatilho imediato” do surgimento da linguística histórico-comparada, que é o impacto da descoberta do sânscrito e da disponibilidade de dados sobre essa língua para os primeiros linguistas. O autor detalha a contribuição dos autores ingleses da Asiatic Society, de Calcutá, nomeadamente Nathaniel Brassey Halhed, Henry Thomas Colebrooke e Charles Wilkins.

Fechando a primeira metade do dossiê, dedicada aos estudos linguísticos anteriores ao surgimento da assim chamada *linguística moderna* está o texto de Bernardes sobre os Jovens Gramáticos. O autor endereça a questão de se as controvérsias capitaneadas pelos assim chamados Jovens Gramáticos (*Junggrammatiker*), sobretudo Hermann Osthoff e Karl Brugmann, a partir de 1876, anunciam o início de uma nova forma de fazer linguística. O autor conclui que o simples rastreio de convergências e divergências não é suficiente para entendermos se isso configuraria um rompimento de fato entre os dois grupos, pois seria necessário avaliar as dinâmicas dos valores cognitivos para cada um deles.

Abrindo a segunda metade da coleção, o texto de Alessandro Beccari remonta ao trabalho do latinista, historiador e lusitanista José van Beselaar (1916-1991), comparando os procedimentos no seu *Propylaeum Latinum* com o de outros gramáticos que lhe foram contemporâneos ou foram por ele citados, como Rubio, Ernout, Thomas, Tovar e Palmer, no sentido de rastrear as concepções compartilhadas com esses trabalhos. O autor conclui que, entendendo-se a linguística histórico-comparada como um desenvolvimento da gramática tradicional, a obra de Beselaar apresenta uma solução de compromisso com a gramática tradicional. Dessa forma, não se evidencia uma quebra de paradigmas, mas um exemplo de fase de ciência normal.

O texto de Olga Coelho, Karine Oliveira e Felipe Prais Almeida acompanha parte da história recente da fonética no Brasil no sentido de identificar sob que aspectos e em qual medida pode-se falar que nela se verificam

os processos de purificação e mediação, como definidos por Bruno Latour em *Nunca Fomos Modernos*. Os autores concluem que mediação e purificação não entram em chaves opositivas e excludentes, mas sim em composição, permitindo que os linguistas trilhem novos caminhos sem que tenham de abrir mão de conquistas do passado. Desta forma, a transdisciplinaridade que experimenta a fonética contemporânea faz com que a disciplina se abra para a mediação, incorporando objetos que foram ofuscados ou negligenciados pelo processo anterior de purificação, sobretudo a partir do Estruturalismo.

Os últimos textos têm em comum o rastreio de discussões específicas dentro da linguística: a descrição dos nominais nus, no interior de uma teoria específica (a Semântica Formal das Línguas Naturais), por Roberta Pires de Oliveira, e a complexidade linguística, por Ednei Leal, ao longo de um período maior e no interior de diferentes perspectivas teóricas. Roberta Pires vê na história do tratamento da sintaxe e da semânticas dos nominais nus pela Semântica Formal um exemplo de sucesso do empreendimento no avanço do entendimento de fenômenos das línguas naturais, destacando a contribuição essencial da pesquisa nacional para a semântica contemporânea. Já Ednei Leal mostra a evolução da noção de complexidade linguística, a diferença da noção como se apresentava no século XIX (baseada no inventário de formas morfológicas das línguas) e como se apresenta hoje (na medição dos tamanhos de inventários e na redundância de formas para uma mesma função nas línguas), e a dificuldade de se obter uma definição unívoca do que seria complexidade linguística.

Gissele Chapanski & Márcio Renato Guimarães